



Rio

Inventado

RITA BARATIERI

M.M.
017



» *Expediente Rio Inventado* «

Autora: Rita de Cássia Socrepa Baratieri.

Edição de texto: Jaqueline Silveira

Ilustrações em bordado livre : Maria Nogara

Diagramação e Projeto gráfico: Tábata Torres

B226r Baratieri, Rita de Cássia Socrepa
Rio inventado / Rita de Cássia Socrepa Baratieri.
Ilustração bordados Maria Nogara. 2. ed. Joaçaba:
Editora Ad Verbum, 2021.

24 p.; 15x21 il. Color. E-Book 17 bytes.
ISBN: 978-65-87362-07-6

1.Literatura infanto-juvenil. Contadores de História.
3. Cultura popular. I. Título.

CDD – 028.5

Ficha Catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Alvarito Baratieri
CRB-14º/273

Rio
Inventador

RITA BARATIERI

2º Edição
2021

M.M.
017

«Umás Palavras»

O menino deste rio de histórias nos toma pela mão, leva-nos para a beira do rio de águas poéticas e nos dá notícias de um outro tempo possível, onde a existência transcorria no ritmo da vida feita à mão. Menino mágico, este que Rita, amorosamente, nos apresenta. É impossível não se afeiçoar a ele, lúdico menino, encantador de águas, com poderes poéticos que lhe permitem “pôr o rio no bolso, dobrar o rio e colocá-lo debaixo do braço”. Íntimo que é das águas, a elas lança suas dúvidas e perplexidades de menino em estado de descoberta do mundo. Rio e menino cúmplices pelas encostas do sonho, onde a imaginação é soberana e dá as cartas para a reinvenção do vivido.

A figura da lavadeira nas águas claras do rio é uma aparição feliz nas linhas poéticas da autora. As lavadeiras de outrora eram guardiãs de ricos acervos da tradição oral, pródigas em cantos, histórias e saberes. E lutas pela sobrevivência em tempos de nenhum direito social. É sabido que não existe “a infância”, mas “infâncias” diversas, plurais. No entanto, todas as infâncias têm o direito ao sonho, ao reencantamento do mundo, não importa o contexto. Neste sentido, o menino que vamos conhecer nestas páginas encarna a liberdade plena para o exercício da fantasia infantil, apoiado pela mãe, lúdica no justo tempo.

Vale muito a pena conhecer o Menino Aguado, em sua trajetória pelo mundo sensível das coisas simples e humanas. Neste mundo de durezas e estridências, a arte, a literatura são postos de resistência, abrigos de brotação, algo como o que se lê em Winnicott, que invoco para encerrar estas palavras: “É hora do sensível voltar para casa, pois o sensível é o paraíso que perdemos.”

Eloí Bocheco

www.facebook.com/sbocheco

<http://www.saladeferramentas.blogspot.com>

♣️ O menino ♣️

põe o ouvido no rio.
Quer descobrir os segredos das águas...

O céu bordado de estrelas viu o nascimento do rio menino.
Imagine um filete de água escorrendo, desenhando
caminhos nos campos e nos vales, deslizando em curvas e
molhando ligeiro nas retas.

Imagine...





☘ Sol cá. Luar lá. ☘

O rio vai crescendo e já não para no lugar. Tão avolumado, aonde será que ele vai andar? Na beira dele, quem bem reparar, vai se achar com ela: Inhá, a Negra lavadeira.

❖ O fogo ❖

aquece o primeiro gole de café, o bule chia espalhando o cheiro na casa de Inhá. Desde menina, aprendeu a mexer em roupas claras, delicadas, escuras e encardidas.

De trouxa apertada, ela carrega os vestidos das moças faceiras e os panos da lida com a roça, da vida de jagunço, de monge, de parteira e de benzedeira.

Sentada na pedra do rio, Inhá conhece bem do seu lugar. Com pouco sabão, ela mergulha as roupas e diz lentamente:
— Para cada peça bem lavada, uma história sempre pode ser contada.

Dizendo, aconchega as crianças e traz causos de outros dias, contos assombrados cultivados no imaginário do povo. Só ela reinventa cantorias enluaradas para brincar de espiar o céu e rodopiar no ar. Inhá estende de boca a ouvido assunto florido, história alegre e triste, curta e comprida, memórias bordadas penduradas no varal, com vista para o rio roncador.

Os vizinhos ribeirinhos chegam de abrir suas janelas em alinhado, para ver o rio povoado de peixinhos passear pelo quintal. Neste pedaço de chão, um mundo bordado: criança agarrada no balanço do portão, travessia alvoroçada na ponte, pescaria na barranca e esconde-esconde na boca da noite.

» Tudo testemunhado pelo rio... »





Na barranca mora um menino
ele gosta tanto de rio, que de vez em quando se
ouve a mãe que chama:
Menino, ocê pode inté ser pescado pelo rio!
Menino, ou ocê qué se torná peixe mesmo?

» *Era o seu menino aguado.* «

O menino aguado pisa manso.
Gosta de amanheceres molhados.
Guarda vento na boca e decifra o idioma dos peixes.
Tem asas imaginadas e sobrevoa da nascente até a foz com
imensa vontade de saber o mistério do rio:
— Como pode ter a boca virada para a chuva e
a cauda encostada no mar?



Ele, o menino, vive seus dias assim...

❖ Riando ❖

com as aventuras de subir, descer, correr, parar.
E Inhá sempre a lavar e cantar:

Vim lavar minha roupa
Com água e pouco sabão
Trago um rio inventado
Pra estender nesse chã



O dia é curto para tanto brincar. O menino aguado molha-se dos pés à cabeça. Corre de lá para cá, corre de cá para lá e deita nas pedras lisas para ouvir o canto de bem-te-vi, quero-quero, sabiá, gralha-azul e joão-de-barro. E Inhá sempre a lavar e cantar:

Vim lavar minha roupa
Com água e pouco sabão
Trago um rio inventado
Pra estender nesse chão

Panos lavados e brincadeiras findadas, Inhá e o menino aguado pegam o caminho de casa. Cada um na sua margem.

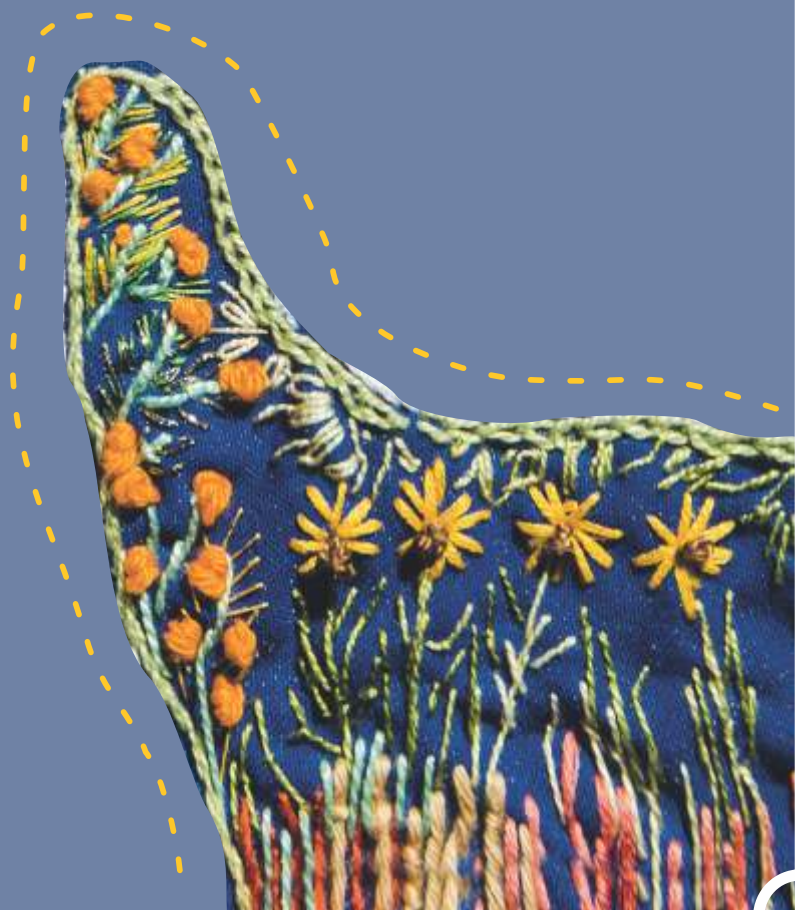
— Tchau, Inhá!

— Tchau, menino!

O menino aguado não quer a despedida e por isso leva para casa um balde com rio de peixinhos.

Quando a noite chega, o menino diz para as estrelas:

— Gosto de sonhos molhados, desde que eu nasci.





Naquela noite, ao lembrar de seu aniversário, o menino fez perguntas em pensamento:

❖ *Rio.* ❖

você sempre foi assim molhado? Sabe guardar segredos?

Rio, sente sede? Essa sua mania de nadar sem parar, não lhe dá agonia?

Rio conta peixinhos, carneirinhos, estrelas? O que você aprendeu a fazer sozinho? Quantos anos tem? Qual seu presente mais querido?

Rio, será que é doce morrer no mar? O que pensa em fazer ao envelhecer? Conhece mais gente fina ou barra pesada? Você viu quando a água entrou pelo cano?

Rio, para crescer é preciso se machucar? Por que o tempo passa tão depressa?

Rio, o que vai fazer com todas as histórias que viveu?

No outro dia, bem cedinho e sem café, o menino vai ao encontro de Inhá, para confidenciar algo que desaguava de sua boca.

— Inhá, meu aniversário está chegando e minha mãe vai me dar um presente. Está esperando o tropeiro passar. Então, meu presente vou ganhar!

— Pra quê presente, menino?

— Ué, porque eu nasci!

Inhá, sorri.

— Menino, nem sabia que ocê tinha nascido.

Desenhos se fazem na água e o menino pergunta mais.

— Inhá, quando você nasceu? Foi de parteira ou de hospital? Quem te contou o segredo do rio?

— Tenho a idade do rio que nasceu fininho e agora é largo profundo e comprido.

O menino agitado mergulha e, vez ou outra, Inhá lança a ponta do lençol florido para ele agarrar e nadar.

O menino a nadar e Inhá bate-lava a roupa na pedra.

O menino a nadar e Inhá começa nova falação.

O menino a nadar e Inhá de causo da arca virada e ainda faz adivinhação:

— O que é, o que é? Nasce no rio, cresce na terra, e morre no fim do mar?





❖ O aniversário chegou ❖

— Inhá! — Chama o menino lá da barranca... O tropeiro não veio, olha o que eu ganhei. E foi logo estendendo um pano comprido, azul e gelado.

— Um rio inventado. Não é fundo, não tem peixe e tem som. Meu rio é encantado. Inhá, venha me contar como é dar um banho bem dado.

— Menino, desde que ocê nasceu leva o rio no bolso e o vento na boca. Acho que ocê é feliz. Deixe eu vê esse rio de perto. Ei menino, vamos juntá nossas margens?

O menino agitado bota o rio inventado debaixo do braço, faz a rasa travessia e aconchega-se nos braços de Inhá.

— Feliz aniversário, menino! Vou lhe contar um segredo sobre banho bem dado. Rio e gente são parecidos, por vezes assim, por vezes assado, ora calmos, ora agitados, alguns transparentes e outros mais turvos.

Faz tempo que rio pode dar banho bem dado: batiza, quebra quebranto, tira mau-olhado, limpa cera de ouvido, melega do nariz, ramela do olho e alivia cheiro de chulé. Banho de rio limpa dentro e fora. É um santo remédio, menino molhado.

— Inhá, sabe onde esse rio vai levar tantas histórias?

Ela confessa:

— Rio tem pressa de chegar no seu destino.

❖ *Todo rio tem sede de mar.* ❖





O menino aguado de braços abertos,
estende e solta o rio inventado, comprido,
azul e gelado que foi...
Foi se misturar às águas do mar.
Rindo, o menino descobriu não saber:
— Por que a gente bebe água doce e chora salgado?
Dentro da gente tem mais rio ou tem mais mar?

E o que se ouviu, foi Inhá cantar:
Vim lavar outra roupa com água pura e sabão
Tenho um rio inventado pra contar nesse chão.

❖ *Fim* ❖

❖ Rita Baratieri ❖

Rita de Cassia Socreppa Baratieri, nasceu em 15.12.1967, na Costa do Rio Canoas/SC. Pedagoga, pós-graduada em Comunicação.

Escritora, bordadeira, atua com narrativas artísticas: roda de histórias, recitação, bordados livres, mediação de leitura e exposições de artes visuais. Na geografia do seu imaginário revive memórias de uma infância na beira do rio.



@rita.baratieriso

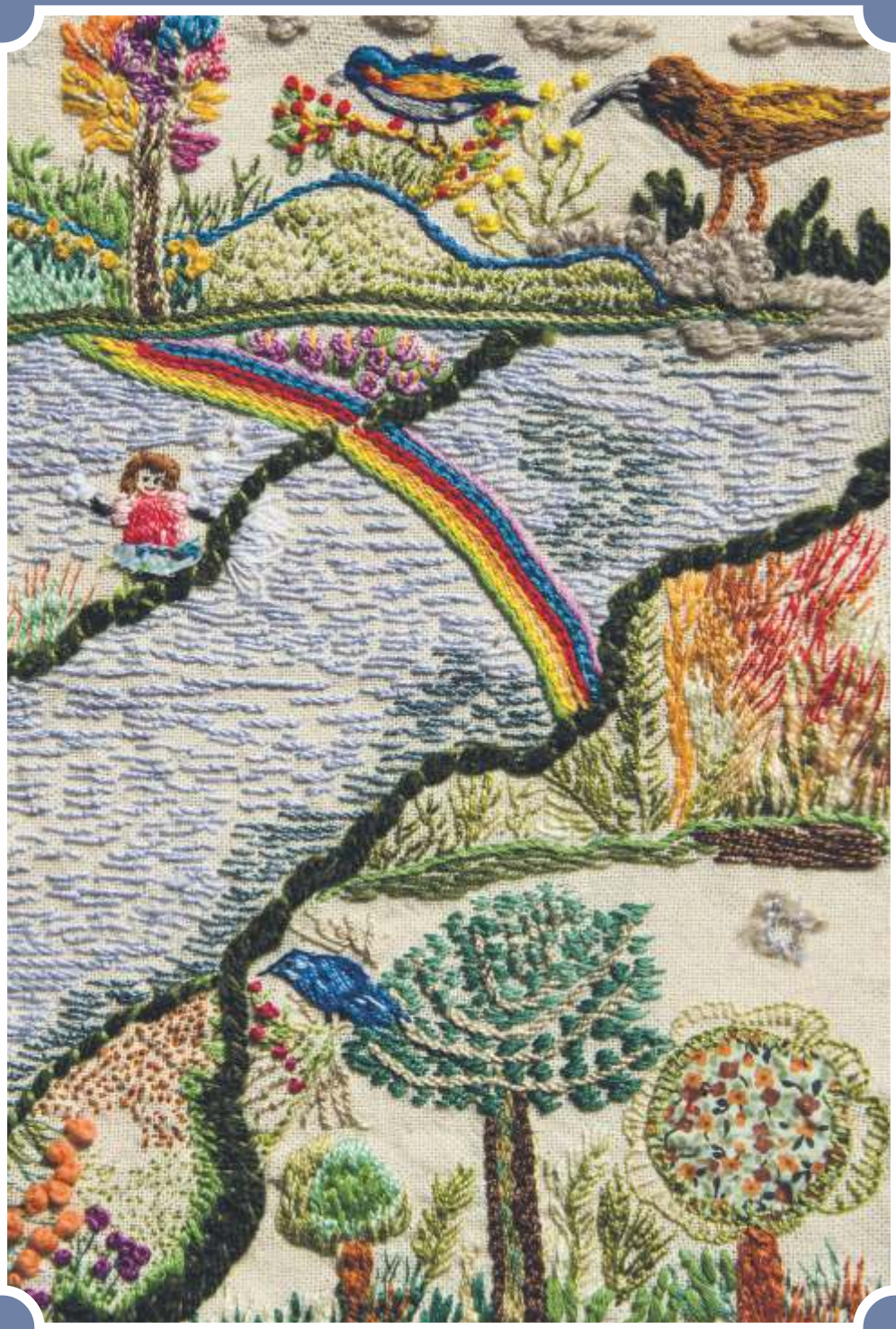
Ilustrações

Maria Madelena Nogara, nasceu em Uruguaiana, em 1938 e faleceu em Joaçaba, em 25 de agosto de 2017.

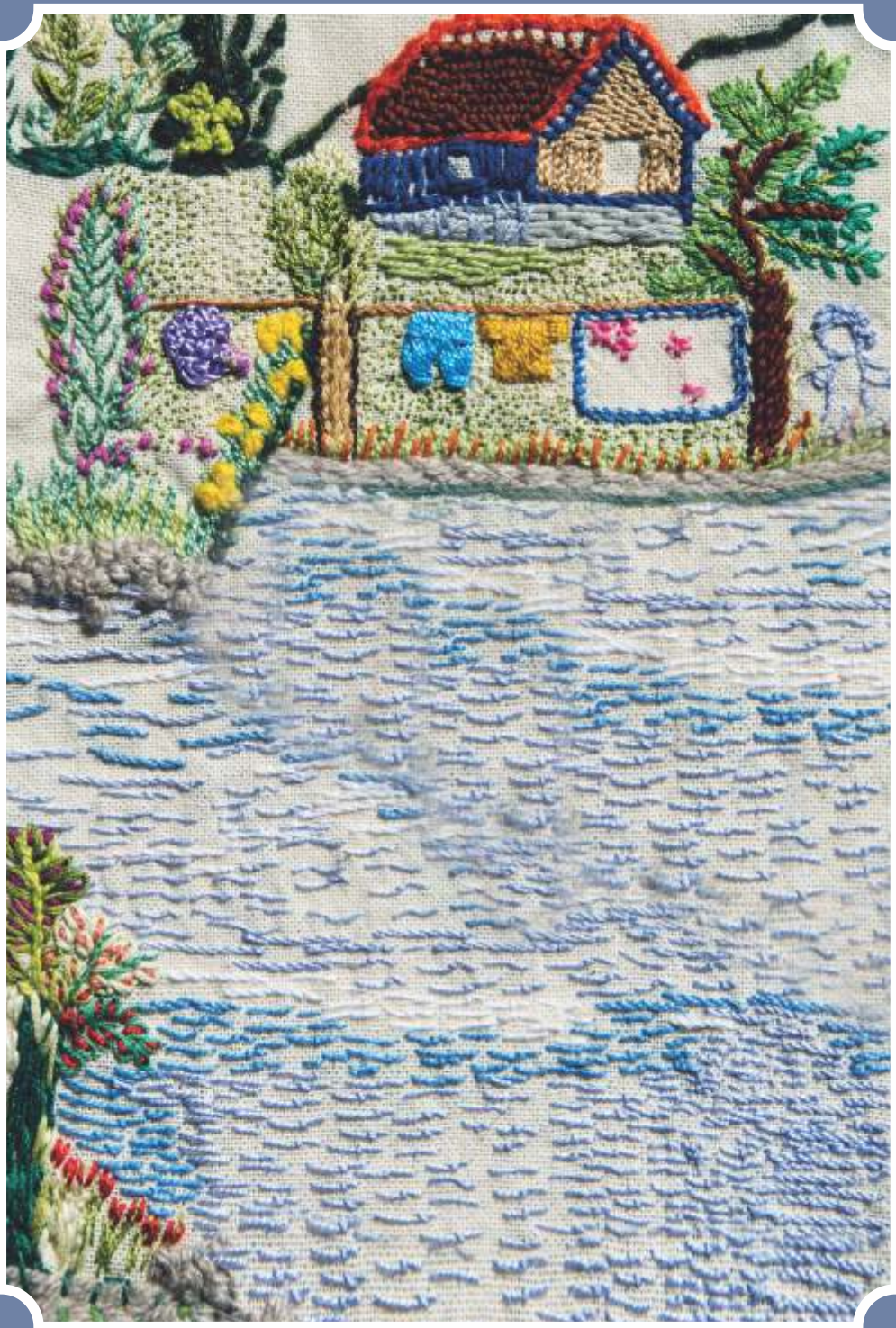
Menina inquieta de grande imaginação e bordadeira de nascença. De ponto em ponto, mergulhou na leitura do Rio Inventado, com sensibilidade e delicadeza, vestiu as palavras de cores, beleza e texturas. Esta foi a última série de bordados livres de dona Mariazinha.

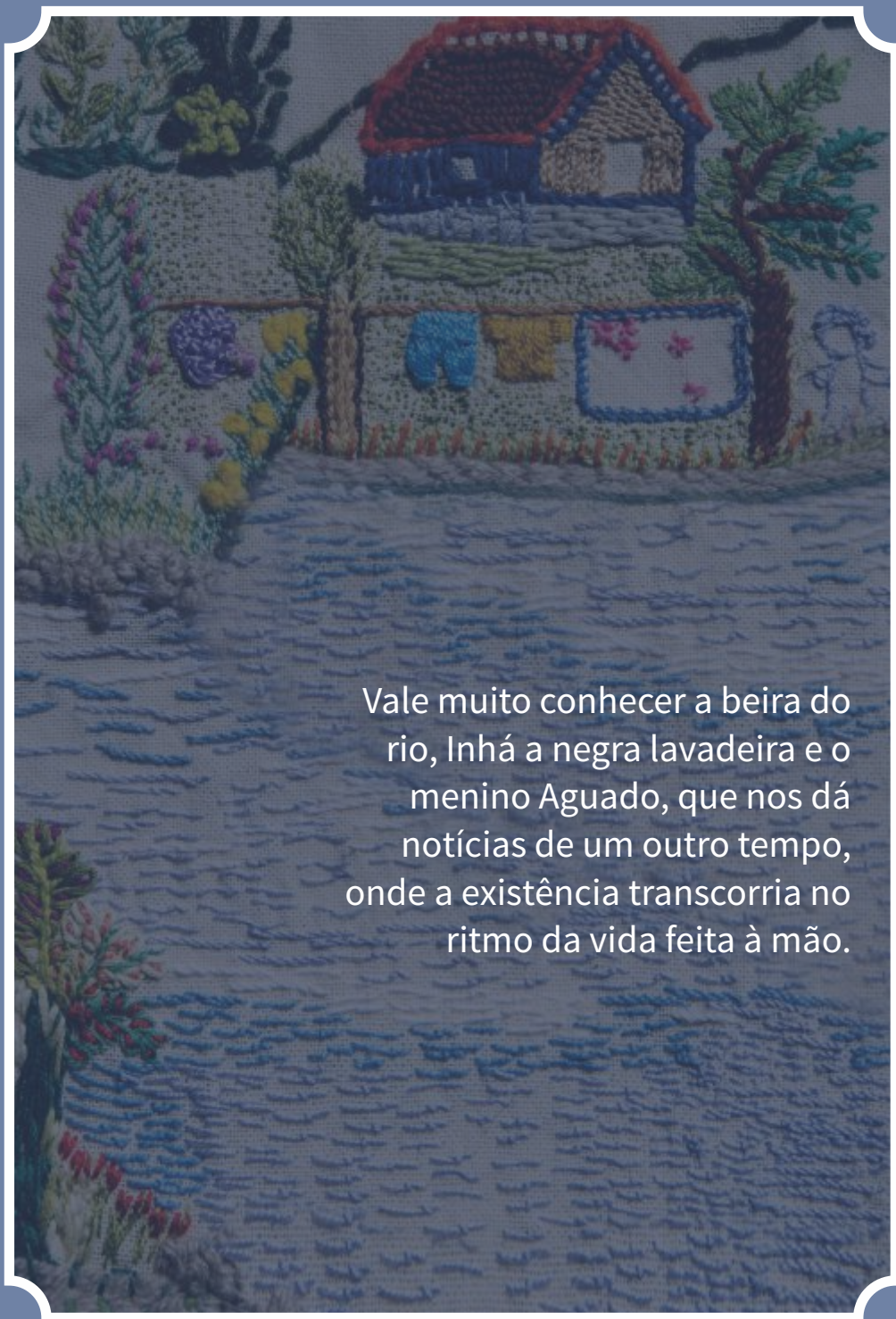












Vale muito conhecer a beira do rio, Inhá a negra lavadeira e o menino Aguado, que nos dá notícias de um outro tempo, onde a existência transcorria no ritmo da vida feita à mão.